

## Três etapas na carreira de Amaral Lapa

Odilon Nogueira de Matos

Três etapas distintas e todas bastante significativas assinalaram a carreira e a obra do historiador campineiro José Roberto do Amaral Lapa, cujo inesperado falecimento a 19 de junho do ano passado privou a historiografia brasileira de uma de suas mais expressivas figuras. Tivemos o prazer e o privilégio de acompanhar de perto a todas elas, pois nosso relacionamento remontava a mais de quarenta anos, ou seja desde 1958, quando, a convite de Monsenhor Emílio José Salim, então reitor da Universidade de Campinas (na época ainda não galar-dada com o honroso título de "Pontifícia"), passamos a integrar o corpo docente da importante instituição campineira.

Logo em nossos primeiros contatos, ouvimos falar, com as melhores referências, de um jovem professor de História do Brasil, diplomado pela própria Universidade de Campinas, mas a quem não conhecemos de momento, pois residindo em São Paulo e indo a Campinas apenas uma vez por semana, nosso primeiro contato foi um tanto demorado. Quem nos aproximou foi o saudoso Professor Hilton Federici, nosso colega de turma no curso de Geografia e História da Universidade de São Paulo e já radicado havia alguns anos em Campinas como professor do Ginásio do Estado e também da Universidade Católica. Os primeiros contatos confirmaram o que do jovem colega já havíamos ouvido.

Essa fase campineira, embora curta, assinalou uma importante realização do jovem professor: a organização do Departamento de História, com o objetivo

de melhor coordenar as atividades do curso, instituindo, entre outras coisas, as saudosas "Semanas de Estudos Históricos", que punham nossos estudantes, pelo menos uma vez por ano, em contato sempre com professores e historiadores de outras instituições. E contando sempre com o apoio e colaboração do "Centro de Estudos Visconde de Porto Seguro", órgão dos estudantes.

Pouco se beneficiou Amaral Lapa de seu próprio trabalho em Campinas. Na época o governo estadual criara uma série de escolas superiores, institutos isolados, em diversas cidades do interior: Rio Claro, Araraquara, São José do Rio Preto, Franca, Marília, Assis e Presidente Prudente, hoje todos integrantes do grande complexo da UNESP. Todos eles tiveram seus primeiros diretores tirados da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, portanto todos nossos colegas de trabalho. Para a Faculdade de Marília, onde deveria haver curso de História, fora nomeado o professor Eurípedes Simões de Paula, que, ao organizar a instituição, honrou-nos com o convite para reger a cadeira de História do Brasil. Não tendo condições, por motivos familiares, de nos transferir para aquela cidade, declinamos do convite e tomamos a liberdade de sugerir o nome do nosso jovem colega de Campinas, José Roberto do Amaral Lapa. Aceita da sugestão, concretizou-se a nomeação.

Isso fez iniciar na vida de Amaral Lapa nova etapa em sua carreira, na realidade o início de sua grande e brilhante carreira, pois a ela se prende o seu doutorado realizado alguns anos depois (1966) e de cuja comissão examinadora tivemos o

privilégio de participar. Lembramo-nos com emoção daqueles dias passados em Marília, reunindo na cidade três dos maiores historiadores brasileiros da época – Sérgio Buarque de Holanda, Wanderley Pinho e Francisco Iglésias – infelizmente todos já falecidos, e ainda com a colaboração da Dra. Olga Pantaleão, representando a congregação da Faculdade.

Para seu doutorado apresentou Amaral Lapa importante trabalho – "A Bahia e a carreira da Índia" – publicado pouco depois na importante coleção "Brasiliana", da Companhia Editora Nacional. Comentando o livro, escrevemos que se tratava da primeira publicação de um campineiro na preciosa coleção. Só bem mais tarde nela figuraria outro campineiro, J.C. de Ataliba Nogueira, com seu livro sobre Canudos e do Antônio Conselheiro.

O livro de Amaral Lapa foi saudado com os maiores encômios e projetou por todo o país o nome de seu autor. O historiador Américo Jacobina Lacombe foi preciso ao apreciar o livro: "um livro que enche de alegria os estudiosos de História do Brasil por vários motivos. O primeiro é que ele representa uma fase nova na pesquisa. Não se trata mais de improvisar trabalhos extraídos de livros anteriores, mas de material novo, extraído de fontes ...

Pouco se beneficiou Amaral Lapa de seu próprio trabalho em Campinas. O governo criou escolas superiores no interior, e Amaral Lapa foi transferido para Marília, onde lecionou História do Brasil

... documentais, apurado, selecionado e ordenado com a mais rigorosa técnica científica, iluminando um aspecto até agora não encarado em nossa formação econômica e política (...) autêntico trabalho piloto que despertará muitos estudos complementares, pela sua originalidade, e por sua indiscutível, serena e objetiva autenticidade".

Seu grande livro assinala de maneira concreta esta segunda fase de sua carreira, à qual somam-se numerosas outras atividades: cursos, conferências, semanas de estudos e publicações da mais variada natureza, projetando bastante o nome da instituição mariliense, pouco depois incorporada à UNESP.

O "Centro de Memória" surgiu da necessidade de um local de trabalho onde os interessados no estudo da cidade pudessem encontrar o que fosse possível como material de pesquisa sobre o passado campineiro

A essa etapa na carreira de Amaral Lapa segue uma etapa campineira, a mais importante, a mais duradoura e a mais produtiva pelas inúmeras realizações não só do próprio historiador, como da excelente equipe sempre pronta a com ele colaborar. Vincula-se essa fase à Unicamp,

cujo corpo docente Amaral Lapa passou a integrar no início da década de 70. Daria um livro escrever sobre o que o nosso historiador realizou na grande Universidade Campineira. Não sendo o caso, permitimo-nos "pinçar" três grandes, talvez as maiores de suas realizações: a criação do Departamento de História, o Centro de Memória e a instituição da coleção "Campiniana".

Contando com recursos econômicos maiores e com a compreensão de excelentes reitores, pôde Amaral Lapa levar avante seu programa de trabalho. Duas de suas realizações, poder-se-á dizer, vinham há muito sendo maquinadas em seu cérebro bem como nos de outros

interessados na história de Campinas. O "Centro de Memória" surgiu da necessidade sempre reclamada de um local de trabalho onde os interessados no estudo da cidade pudessem encontrar, não diríamos tudo (pois seria impossível) mas o que fosse possível como material de pesquisa sobre o passado campineiro. Para isso, Amaral Lapa conseguiu que numerosos colecionadores doassem ao Centro suas coleções, e entre estas avulta a de João Falchi Trinca, que sempre dizia que só abriria mão de seu riquíssimo acervo quando encontrasse uma entidade ou instituição que merecesse sua plena confiança. E isso ele a encontrou no Centro de Memória Unicamp, criado pelo Professor Amaral Lapa... A coleção Trinca devem ser acrescentadas numerosas outras de pessoas e entidades, que muito contribuíram para o enriquecimento do acervo. Tornou-se o "Centro de Memória" o "Quartel General" de Amaral Lapa, como disse, por ocasião de seu falecimento, uma de suas assistentes.

Sem o "Centro de Memória" não teria sido possível a terceira realização de Amaral Lapa: a coleção "Campiniana". A idéia era velha, remontando à época do bicentenário de Campinas (1974), de cuja "Comissão de Publicações" fazíamos parte, em companhia de Theodoro de Souza Campos Júnior, Lycurgo de Castro Santos Filho, Celso Maria de Mello Pupo, Hilton Federici, Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci e o próprio Amaral Lapa. Foi quando lançamos a idéia de uma coleção de livros sobre Campinas, originais ou reedições e que deveria chamar-se "Campiniana", nome por nós proposto e aceito unanimemente pelos companheiros. Infelizmente... nada deu certo e a idéia ficou para as calendas...

Pois bem: o que não conseguimos com a Prefeitura, Amaral Lapa conseguiu através do "Centro de Memória" da Unicamp, por ele em boa hora criado. Em 1987 era publicado o primeiro volume, "Discriminações raciais; negros em Campinas, 1888-1921", de Kleber da Silva Maciel. Por algum tempo pensou-se que a "Campiniana" ficaria nesse primeiro volume, pois quase dez anos se passaram sem que algum outro se publicasse. Mas, felizmente, o ritmo acelerou-se de 1996 para cá,

com cerca de vinte volumes já publicados, a um dos quais tivemos o privilégio de prefaciar. E com os assuntos mais variados: história, economia, sociedade, urbanismo, educação, religião... Não sabemos de nenhuma outra cidade do Brasil que possa oferecer aos estudiosos, um leque tão variado de temas urbanos. E as pesquisas continuam nos mais diversos setores. Citemos, para exemplo, o projeto visando ao estudo dos bairros, no qual se empenha, entre outros, a historiadora campineira Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci, que tem levado amostras de seu trabalho em reuniões culturais nas mais diversas regiões do Brasil. Além da "Campiniana", registre-se, a crédito de Amaral Lapa, diversas publicações periódicas revelando pesquisas em andamento ou já realizadas pelos seus diversos colaboradores.

Ficaria incompleta esta nota sobre o historiador campineiro sem uma referência aos seus próprios trabalhos. Aliás, já nos pronunciamos sobre o primeiro deles, precisamente sua tese de doutorado, elaborado ainda em Marília.

O muito que escreveu depois, em livros, artigos, contribuições a congressos ou a obras coletivas exigiria um comentário mais circunstanciado, que oportunamente pretendemos fazer. Mas, se citamos o seu primeiro livro, citemos também o último, que ainda há pouco a Professora Célia Siqueira Farjallat, com toda a propriedade, considerou sua obra prima: "A Cidade: os cantos e os antros", publicado em 1996 pela Editora da Universidade de São Paulo. É o caso de se perguntar: por que não na "Campiniana"?

Além da "Campiniana" registre-se, a crédito de Amaral Lapa, diversas publicações periódicas revelando pesquisas em andamento ou já realizadas pelos seus diversos colaboradores

**Odilon Nogueira de Matos**  
Membro da Academia Paulista  
de História e da Academia  
Paulista de Letras

# Um período de terror na Santa Casa de Santos

Jorge Michalany

Desde os tempos de Braz Cubas, a autoridade máxima da cidade sempre foi representada pelo Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Santos. Apesar do poder quase absoluto que a este conferia do Compromisso da Irmandade, qualquer Provedor era tido como cidadão de elevada reputação, que fazia questão de prestigiar o principal esteio do Hospital, o médico. Assim o foram, dentre os que conheci (1949-1972), os Provedores Henrique Soler, Luiz La

Scala, Ricardo Pinto de Oliveira e Cyro Athayde Carneiro.

Mas para realizar esse sonho megalômano era preciso afastar todos aqueles que pudessem ofuscar a sua vaidade ou que não lhe fossem subservientes. Assim coloca em sua lista negra médicos que não concordavam com seus desmandos

Mas para realizar esse sonho megalômano era preciso afastar todos aqueles que pudessem ofuscar a sua vaidade ou que não lhe fossem subservientes. Assim vai, maquiavelicamente, colocando em sua lista negra José Sady Netto, um dos mais desta-

cados administradores hospitalares do Brasil; eu Jorge Michalany, anatomopatologista e Professor Titular da Escola Paulista de Medicina; Marcílio Dias Ferraz, ilustre cirurgião de Santos; Oscar da Rocha Von Pfuhl, fundador da radioterapia em Santos; Maurício Fang, conhecido pediatra, José-dyl Camargo Lima, ortopedista; Armando Fortuna, anestesista, além de outros médicos e elementos da Mesa Administrativa que não concordavam com os seus desmandos.

Essa despótica arbitrariedade do Sr. José Gomes da Silva só podia ser combatida pela justiça e fui o primeiro médico a contrariar os seus caprichos. Apesar das pressões para desistir da causa e de ter sido obrigado a recomençar uma nova vida profissional aos 56 anos de idade, não recuei. Depois de muita luta, quase seis anos, ganhei a causa em todos os sentidos, - "ainda há juízes em Berlim" - ficando demonstrado nos laudos a falsidade da acusação de "falta grave" que me fôra arditosamente imputada pelo Provedor. E assim, um médico vencia pela força do direito o invencível jurista do direito pelo embuste. E a indenização por mim recebida bem como as causas ganhas por Fang e Von Pfuhl, e as outras que tramitaram pelos tribunais, vieram estremecer os pés de barro desse autocrata da Santa Casa, o Sr. José Gomes da Silva.

Além desses médicos, outros mais jovens foram sumariamente demitidos ou obrigados a aceitar as imposições vexatórias do Provedor para poderem sobreviver. À essa desagregação do Corpo Clínico, favorecida por subservientes Diretores Clínicos, seguiu-se o caos administrativo. Artimanhas da advocacia criminalista passaram a ser aplicadas na administração da Santa Casa. O Museu de Patologia, único na América Latina, que era também o Museu Histórico da Santa Casa, desapareceu em algum depósito. A ciência pereceu e o respeito ao

médico, e conseqüentemente ao doente, deixou de existir.

Mas não foram apenas os médicos as vítimas da despótica Provedoria. Excelentes funcionários administrativos, eficientes enfermeiras e até humildes serventes que não cumprissem à risca as ordens imperativas do Sr. José Gomes da Silva eram sumariamente demitidos. O então eficiente corpo administrativo da Santa, sob a direção de José Sady Netto, transformou-se numa côrte de vassallos e de lacaios em torno de seu reizinho de ébano, comparável àquela de um ditador de certa republiqueta centro-americana. Nas mãos do Sr. José Gomes da Silva, a Santa Casa de Santos, um dos melhores hospitais da América Latina, transformou-se num albergue de doentes e numa verdadeira "Sacrílega Casa da Maldade de Santos".

Mas todo ditador tem o seu fim. Depois de dez anos chegou o dia do protesto final daquela classe que no dizer do Sr. José Gomes da Silva não tinha coragem de fazer greve e que "seria capaz de vender seus colegas por trinta dinheiros..." E apesar do incompreensível silêncio de muitos santistas, sobretudo daqueles que foram eleitos pelo povo, os médicos da Santa Casa puderam demonstrar que em Santos ainda havia gente com dignidade capaz de dizer um basta a um aventureiro inescrupuloso como o Sr. José Gomes da Silva.

Outros mais jovens foram demitidos ou obrigados a aceitar as imposições vexatórias para poderem sobreviver. À essa desagregação do Corpo Clínico seguiu-se o caos administrativo

Jorge Michalany – ex-chefe do Serviço de Anatomia Patológica do Hospital (1949-1972)  
Irmão Remido 1955

# O pesadelo divino

Roberto William Borges

A cordou assustado, chutando o imenso penico dourado decorado com estrelas, planetas e cometas cintilantes. Abriu aos trambolhões a gigantesca janela do universo, as dobradiças da idade sem tempo rangiram numa canção sem notas musicais, sobrepujando qualquer pauta jamais sonhada. Esfregando os grandes olhos que tudo viam, que tinham as dimensões e os desenhos dos triângulos, dos retângulos e a profundidade da mais absoluta das profundidades, escorou o corpanzil etéreo

*O Grande Ser fechou os pulsos ciclôpicos, as articulações dos dedos graníticos estalando num murmúrio de vulcões, o calor desprendia deste movimento derretendo como neblina ao sol do meio dia, as vigas baldrames dos alicerces da moradia divina*

no peitoral da imaginação e com sua poderosa e onisciente mente, não pode acreditar no que via e no que pensava tudo saber.

Lá fora, na infinitude do espaço sideral, nas dobras invisíveis do tempo, nos pontos relativistas que um seu ilustre filho chamado Einstein,

numa época infinitesimal vislumbrou (é claro com seu superior consentimento), ruía e rugia um desmonte de proporções apocalípticas, o trabalho arquitetônico, que tanta mão de obra lhe despendera: o Universo. Que lhe rendera, por parte de uma raça, que com extrema presunção quisera ter sua imagem e semelhança, o título pomposo de Arquitecto do Universo.

No imenso palácio sideral localizado geograficamente num ponto qualquer do infinito, com seus milhões de quartos, salas e salões, com os pórticos tão altos e soberbos

quanto mais altos e imponentes pudessem ser, a movimentação dos subalternos já começava a se fazer de maneira ruidosa. O arrastar de pés, de chinelas lixando os pisos, de mãos apalpando as paredes fofas rebocadas de plasma ionizado. Acendiam-se luzes como imensos faróis de cor extremamente branca, translúcida, de facho fortíssimo como a explosão de mil sóis. Berravam as armações de aço, suportando descomunais janelas tão pesadas quanto a consciência de uma ser bem conhecido de nome Caim. Nesta corte sabia-se de tudo e de todos, do mais graúdo ao miúdo e estropiado morador de uma vielazinha perdida nos recantos bolorentos de um minúsculo planetinha. Era a vantagem da onisciência, um dom dividido pelo Poderoso Soberano a todos seus vassallos celestiais. Anjos batiam asas brancas de penas macias como a neve, voando desesperados pelas altíssimas abóndadas do palácio fulgurante.

— Não. Ab-so-lu-ta-men-te, não.

Bradou com uma voz poderosíssima o Senhor Absoluto do Universo. Nela estavam reunidos todos os sons que se pode um dia imaginar: o balido meloso da ovelha clonada; o vagido inocente do recém-nascido; o grito de espanto do enforcado sentido no pescoço o nó impietoso do laço da força; o gemido sofrido daquele que enxerga a face da morte ainda que deitado em lençóis de seda e cetim; o clamor do padre chamado pelo seu Santo Nome; a última palavra de agonia dita por seu filho Jesus, quando pregado no madeiro suado; a sirene aguda anunciando uma chuva de chumbo incandescente; o estrondo do artefato de átomos, quando sua criatura quis brincar de ser deus; a despedida dolorida da última partida; o urro primitivo do rei, que virou ruminante e pastou nos jardins que ele mesmo construía.

Possuía todos os sons imagináveis o timbre daquela voz tonitruante.

Trincaram-se uma a uma as paredes do palácio de imensidão, caíram as enormes chaves dos pisos polidos pelas chinelas dos ajudantes, as fechaduras cederam, desmontaram, perderam os parafusos vaporosos. Frestas imensas mostraram o outro lado das portas impressionantes, e o outro lado era apavorantemente infinito.

Um silêncio tumular ecoou pelos corredores com a velocidade da luz, levando em seu rastro de vazio o espanto que acontecia no momento que não tinha medida, que não tinha tempo, que era o verso e o reverso do que podia ser e seria, de um caos que se organizara.

O Grande Ser fechou os pulsos ciclôpicos, as articulações dos dedos graníticos estalando num murmúrio de vulcões, o calor desprendia deste movimento derretendo como neblina ao sol do meio dia, as vigas baldrames dos alicerces da moradia divina.

— Eu sabia, eu conhecia, e mesmo assim... criei.

*Sabia do alto de minha onisciência, e mesmo assim.... criei.*

*Com minha onipotência, moldei na forma de minha eternidade, e... criei.*

*Esperava e encontrei.*

Novamente a pujança do Verbo cortou o criado e o incriado, chamou por seus pares, seus ajudantes, auxiliares maiores e menores, seus mensageiros translúcidos como os raios das auroras, ou negros como o manto da escuridão.

— Lá, na ponta daquela nebulosa que tremula, aquela insignificância de criação, aquela coisinha chamada Terra, veio de lá, daqueles que soberbamente um dia pretenderam minha semelhança.

— De lá, onde coloquei a disposição das criaturas os elementos escolhidos no universo: o poder e a glória da força, do fogo, do sol e do enxofre.

— Lá, onde escondi bem guardado o segredo pavoroso do ciclo do átomo. Onde

recolhi e comprimi o poder da explosão. Onde deixei a cura de doenças e a capacidade espantosa de se enxergar através da dureza do que fosse mais opaco.

— Lá, onde um tempo enviei meu filho como mensageiro e eles o mataram, impiedosamente.

Justo lá, no mesmo local, o mesmo povo, com outra face, com outros meios, mas com o mesmo espírito. A mesma raça indomada, inconformada, lançou, das colinas secas a infecundas do deserto de areia, um artefato que detonou a região e que num jogo à sua maneira, o seu mensageiro Satã, numa bola de neve volatilizou o planeta, desequilibrou o sistema, desestabilizou a galáxia cirundante. E agora, como em um dominó sem medida, desmonta peça por peça o que construí em seis dias de trabalho pesado.

— É a vingança surda, inconsciente da criatura a quem tirei o dom divino da imortalidade. A quem dei a indignidade da velhice, que deforma e limita, a quem sentenciei a um encontro pavoroso e inevitável com você, Cavaleiro da Morte.

— A rebelião terrena por se saber finitada, por sofrer a angustia jamais resolvida de caminhar inexoravelmente escoltada por você, Cavaleiro do Tempo, rumo à consumação deste próprio tempo.

Bateu a porta do palácio com a força que somente um Deus Único pode ter.

O céu inteiro tremeu.

As vestes brancas do Senhor Poderoso flutuaram na santa ira de seu descontentamento.

Sentou-se no trono de rutilância, a face pesada, o cenho carregado, os olhos quadrados, triangulares, refulgindo, dançando no rosto contraído e contrariado.

Apóia a cabeça perfeitíssimo na mão direita, a mesma que tudo criara.

Suspira e pensa:

— Descansei no sétimo dia.

No oitavo... recomeço.

**Roberto William Borges é psiquiatra e escritor**

## O primeiro contato!

Eu tinha acabado de terminar meus estudos de especialização de restauro de pintura de cavalete em Verona, no Palazzo Giorfino, isso em 1.978, e estava louco, ou melhor, alucinado para conseguir algum tipo de estágio em algum museu ou galeria. Mandeí meu curriculum para todos e para tudo que se movesse em direção a arte, sabendo que seria praticamente impossível uma resposta positiva, visto minha falta de experiência como restaurador titular. Passaram-se algumas semanas e uma correspondência chegou... O timbre era de uma instituição de Bruges, Bélgica, e a carta pedia minha presença para início de trabalho de restauração em uma semana! Incrédulo, mais do que depressa embarquei para Bruges, e logo já estava instalado naquela cidade a espera de minha nova função... provavelmente auxiliar de algum bom restaurador. Era o que eu mais queria, seria o máximo onde eu poderia chegar naquela fase de minha carreira. Bem, me apresentei ao trabalho na data marcada e fui encaminhado ao atelier principal – que por sinal encontrava-se vazio – e comecei a me familiarizar com os equipamentos e materiais do local, um atelier completo, super moderno!! Qual não foi minha surpresa, quando depois de alguns minutos, entra pela porta do atelier, o curador do museu, com um quadro nas mãos e dizendo... — Este quadro precisa de um restauro urgente! Corre risco de deterioração iminente! Faça... disse ele! Gelei... Quando olhei para o quadro, um óleo de médios 40 x 50 cm, PETRI-FIQUEI!!!! ...era um original de Salvador Dali! Isso mesmo... um original ... óleo..., típico, surreal e ma-

ravilhoso, mas em um adiantado estado de descolamento da capa pictórica. Meu Deus... era muito para mim, eu tremia apenas de olhar para o quadro, imagine restaurá-lo!!! Lembro que fiquei três dias apenas observando a tela, analisando, medindo, calculando o tamanho do sinistro e qual técnica eu iria usar. Nem preciso falar que meu pesadelo de todas as noites era o quadro de Dali e era nisso que eu pensava desde o café da manhã até eu deitar! O restauro virou uma total obsessão para mim, eu estava transtornado, morrendo de medo de tanta responsabilidade! Enfim... tinha que ser feito! Foi pra isso que estudei e era isso que eu vinha fazendo desde praticamente minha infância, quando aprendi as técnicas de restauro com minha mãe, a artista plástica Ritowskaia.

Finalmente... materiais selecionados, técnica definida – refixação através de composto a base de mistura de ceras e emolientes – passei ao processo de restauração. Por incrível que pareça assim que comecei a manusear o quadro, este se tornou tão familiar e simples pra mim que foi como se eu estivesse restaurando um quadro velho conhecido, meu camarada! Os pesadelos deram lugar a bons sonhos, o medo deu lugar a uma grande confiança, e o Dali, em alguns dias, voltou ao seu lugar de destaque na parede do museu, com toda a pompa, autenticidade e perfeição como no dia em que foi pintado!

Esse, foi meu primeiro contato com Dali, e claro o mais traumatizante! Mas também inesquecivelmente, o melhor!

Relato real de **Carlos Rielli Jr.**  
(perito e restaurador de pinturas).

# Raul

## Mariazinha Congílio

Venha, sim. Raul estará aqui e quer muito conhecê-la.

Fiquei sabendo que Raul era um poeta que havia chegado da Europa naqueles dias. O que me interessou mais particularmente foi o fato dele querer me conhecer. Eu estava mesmo precisando de emoções novas.

Quando as coisas não correm muito bem para nós, vemos como é bom sermos sociais. Por mais aborrecidos que estejamos, uma palavra de estímulo ou consolo pode nos fazer superar essas crises. Pode ser que fiquemos alegres outra vez, e consigamos esquecer o que perdemos e que é irrecuperável mesmo.

Para conhecer Raul achei que devia ir bem arrumada. Fui ao cabeleireiro e pedi à costureira que aprontasse o vestido novo. Olhei no espelho para ver se causaria boa impressão, e achei que Raul precisava ser bem condescendente. Afinal, saí bem atrasada porque precisei mudar um colchete de um lugar para outro.

Quando cheguei Raul já havia saído. Perguntara se eu não iria e deixou-me até um livro seu, de presente. Pareceu-me que, de certa forma ficávamos nos conhecendo.

Os meses se passaram. Lí o livro oferecido e pareceu-me conhecer mais o seu autor. Em linguagem simples e vagamente triste, seus versos buscavam alguma coisa. Talvez os versos estivessem à procura de Raul, Muitas vezes acontece, andarmos à

procura de nós mesmos.

No carnaval porém ele viria, garantiu-me nossa amiga em comum. Sou uma frequentadora assídua dos carnavais brasileiros. Onde quer que eu esteja vou ver meus patrícios sambarem. Só não consigo acompanhá-los, mas é um prazer ver todo mundo assim tão feliz, nem que seja por poucos dias.

No sábado fui ao baile e mesmo sem encontrar Raul, diverti-me muito. Vi pessoas que andam sempre tão sóbrias e de andar dignificante a se requebrarem no meio do salão. Vi palhaços tristes e pierrôs alegres. Vi também uma cigana jogando toda a sorte dela. Foi no sábado também que assisti aquela briga de um moço com um rapazinho que estava querendo levar a noiva do outro. Vi também cidadãos pacatos esforçando-se para parecerem alegres com o auxílio do whisky. Vi a bailarina cair e ficar de pernas para o ar; vi coisas tristes também, como aquela mulher que bebeu demais, caiu no salão e começou a chorar.

Vi tudo isto mas não vi Raul. Nem nas noites subseqüentes. Na quarta-feira de cinzas fiquei sabendo que ele não viera porque seu pai ficara doente e morrera na segunda-feira de carnaval. Acontecem coisas tristes no reinado de Momo, também.

Havia um elo entre nós dois porém; tanto era assim, que a nossa amiga e cúmplice, levou-me uma fotografia de Raul e perguntou-me se não queria ir esperá-lo, na próxima semana. Tinha certeza de que me conhecendo, havia

de interromper a viagem.

Fotografia é coisa que paralisa as pessoas e as personifica. A gente sempre acha que D. Pedro II é um velho e D. Pedro I é um moço. Aquele retrato de Raul fixara a fisionomia de um homem; mostrava seus traços e a expressão de seus olhos. Parece-me que ele estava mesmo à procura de alguma coisa... Eu poderia ajudá-lo se algum dia o conhecesse?

Fiquei indecisa se devia ou não ir à estação e quando me decidi e fui, o trem já estava partindo e levando Raul.

Afinal, outro dia, sem combinarmos nada, encontramos-nos. No aeroporto. Eu ia embarcar para o Rio, numa viagem rápida; uma voz começou a anunciar pelo microfone nomes de alguns passageiros que iriam para Portugal; eu o reconheci entre eles.

Surpreendida, fui andando depressa para falar com ele, quando me lembrei que afinal, Raul não me conhecia. Somente eu tinha sua fotografia. Será que ele não iria ficar decepcionado? Não seria melhor que permanecêssemos assim, sem nos falar?

Enquanto eu me decidia, ele subiu a escada do avião para embarcar. Ninguém estava com ele, mas mesmo assim ele se voltou. Olhou as pessoas que estavam paradas, com aquele seu olhar irrequieto e inconstante como se estivesse procurando alguma coisa. Fiquei parada, vendo Raul partir.

*Mariazinha Congílio é escritora e poetisa da Academia Cristã de Letras*

## Gota Solitária

Poesia premiada pela Academia de Letras de São João da Boa Vista no Concurso Literário 2001

Ivana Maria França de Negri

Destila amor, ódio,  
doçura e fel  
Brotam de verdes íris,  
negras, azuis  
ou cor de mel.  
Dos olhos da mãe que implora,  
da santa que chora,  
do bebê que sente fome,  
da dor de amor que consome;

Sublime,  
redime,  
acalma o sofrimento,  
induz à paz e traz alento  
De felicidade  
ou de saudade  
Dorida, incontida,  
faz parte da vida  
Bálsamo redentor  
nasce do santo ou do pecador

De emoção,  
ao ouvir doce canção  
Maldizendo a sorte  
diante da morte  
Silente, de repente  
passeia no rosto da gente  
Microoceano que se resume  
na gota que consola  
e à qual ninguém é imune:  
apenas uma lágrima que rola.

# O símbolo da Medicina

Joffre M. de Rezende

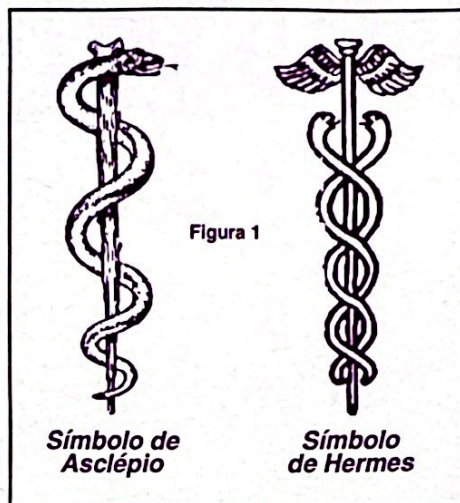
Nossa herança cultural é um legado da civilização greco-romana, e a medicina, tal como a praticamos no ocidente, teve o seu berço na Grécia. Na mitologia grega, a lenda de Asclépio, filho de Apolo, transformou-o no deus da medicina. Os romanos mudaram-lhe o nome para Esculápio, mas preservaram o seu culto. Em todas as esculturas antigas, Asclépio (ou Esculápio) aparece segurando um bastão no qual se enrola uma serpente. Por isso, o bastão com a serpente tornou-se o símbolo da medicina.

Também na mitologia grega, um outro deus, filho de Zeus (ou Júpiter), habitava o Olimpo e chamava-se Hermes. Era o deus dos viajantes e do comércio, mensageiro dos deuses e condutor dos mortos ao Hades (morada subterrânea). Os romanos mudaram-lhe o nome para Mercúrio (de merx, mercadoria). O símbolo de Hermes (ou Mercúrio) é representado por uma haste, na qual se enrolam duas serpentes em espirais opostas e ascendentes. Na extremidade superior da haste dispõem-se duas asas e, por vezes, um capacete. O caduceu de Hermes é o símbolo do comércio (figura 1).

Todos os textos sobre a mitologia grega ressaltam as qualidades negativas de caráter do deus Hermes, tachando-o de astuto, trapaceiro, desonesto e protetor dos ladrões. Por incrível que possa parecer, o caduceu de Hermes tem sido usado como símbolo da medicina em lugar do bastão de Asclépio. Diversas razões históricas contribuíram para que tal ocorresse.

## As principais foram as seguintes:

1. Sincretismo entre Hermes tradicional da mitologia grega com o deus Thot, da mitologia egípcia, deus da palavra, da escrita e da magia, a quem os gregos chamavam de Hermes Trismegistus (três vezes grande). A literatura hermética refere-se a Hermes Trismegistus.
2. A adoção do caduceu de Hermes como símbolo de alquimia. Da alquimia, o caduceu teria passado para a farmácia e desta para a medicina (Schouten).



3. Utilização de logotipos semelhantes ao caduceu de Hermes no frontispício de livros clássicos de medicina, dentre os quais as obras de Hipócrates (Friedlander).
4. Uso do mesmo nome de caduceu para os dois símbolos.
5. Adoção pelo exército norte-americano em 1902, do caduceu de Hermes como insígnia do seu departamento médico, no que foi seguido pela Marinha. A Força Aérea daquele país, ao contrário, preservou o bastão de Asclépio.
6. Achado arqueológico nas escavações realizadas em Lagash, na Mesopotâmia, de um vaso de pedrasabão com duas serpentes esculpidas à maneira de caduceu, oferecido pelo governador Gudea ao deus Niginshzida, ligado à medicina. Garrison referiu-se a este achado como caduceu babilônico.
7. Interpretação de que duas serpentes expressam com mais propriedade o equilíbrio entre o bem e o mal. (Chevalier-Gheerbrant).
8. O argumento mais recente, que chega às raízes do cinismo, é o do que a intermediação dos serviços médicos por empresas privadas de fins lucrativos transformaram a medicina em verdadeiro negócio, justificando o uso do símbolo do comércio em lugar do símbolo tradicional da medicina representado pelo bastão de Asclépio.

Há uma falácia em todas as razões apontadas e nenhuma delas resiste a uma análise crítica. Como justificar o emprego de um mesmo símbolo para duas atividades tão dispares como o comércio e a medicina? Somente o símbolo de Asclépio, o bastão com uma única serpente, expressa em suas origens os

ideais éticos e humanísticos que devem nortear o exercício da medicina.

As instituições médicas de maior representatividade usam o bastão de Asclépio. Destacamos dentre elas a Organização Mundial de Saúde, a Associação Médica Mundial, a Associação Médica Americana e as Associações Médicas de vários países, como o Brasil, Canadá, Portugal, Inglaterra, Dinamarca, Suécia, Alemanha, França, Itália, África do Sul e Austrália. E, mesmo nos Estados Unidos, onde mais se propagou o caduceu de Hermes como símbolo da medicina, das 25 associações médicas estaduais que possuem emblema com serpente, 23 usam corretamente o bastão de Asclépio, Sociedades científicas, faculdades de medicina, revistas médicas e até empresas de seguro-saúde como a Blue Cross-Blue Shield usam o bastão de Asclépio.

Assistimos, perplexos, no Brasil, a disseminação do caduceu de Hermes como pretensão símbolo da medicina através dos meios de comunicação: televisão, jornais, impressos, anúncios, softwares, adesivos e desenhos em utensílios destinados a médicos e estudantes de medicina. Encontramos o caduceu em sites da internet ligados à saúde, revistas médicas, sociedades médicas de fundação mais recente e até mesmo em instituições universitárias.

É confortador verificar, no entanto, que professores eminentes e de projeção nacional na área médica, têm-se manifestado sobre esta questão e gostaria de prestar a nossa homenagem, nesse sentido, ao professor Alcino Lázaro da Silva, de Belo Horizonte, e Paulo Prates, de Porto Alegre. Como sugeriu Geelhoed, o único uso apropriado do caduceu de Hermes em conexão com a Medicina seria nos carros funerários, já que uma das atribuições de Hermes era a de conduzir os mortos à sua morada subterrânea. Fora disso, o caduceu de Hermes como símbolo da Medicina é uma heresia.

*Joffre M. de Rezende é professor emérito da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás e Membro da Sociedade Brasileira e da Sociedade Internacional da História da Medicina*

# Qual é o seu dermatologista?

Jayne de Oliveira Filho

Hoje em dia está muito em moda, "out" e o "in"!

**O que seria o "out"?** Tomar cafezinho no aeroporto, paquerar na R. Augusta, escutar os "Bee Gees" etc...

**O que seria o "in"?** Fazer "laser", ter um namorado "vip", usar "piercing", aparelho de barbear "plus" e pasmem, ir ao dermatologista "da moda".

Pois é, outro dia aguardava o final da aula de natação de meu filho, numa escolinha da Vila Nova Conceição (também "in"), quando comecei a escutar um papo "peruforme" a respeito de calças de grife, perfumes emergentes, carros importados, quando uma das participantes daquele colóquio importantíssimo para o futuro das nações, começou a perguntar para as outras:

— Mas afinal, qual é a sua dermatologista?

— A minha é o máximo, ela tem uma pele linda e é tão simpática, veja só a linha de cosméticos que ela me indicou! Você já ouviu falar na Dra. Fulana, né? Não? Repentino silêncio sepulcral abalou aquele relacionamento saltitante de minutos atrás.

Rostos inconformados fitaram em conjunto as fâcies daquela vítima da ignorância do "in". Não confundir com a forma terapêutica oriental!

Como sair daquela enrascada!

Franzia a testa aquela loira com "cara de inteligente", portadora de uma calça simelê "lesar" de uma "urutu do brejo" que viveu, para produzir um aquecedor natural de coxas de uma nova rica emergente. Esta palavra também é "in"!

Mas, com sua astúcia impar, similar de uma raposa européia, ela rebate para defender-se, atacando:

O meu dermatologista é um "gato" que participa de todos os congressos mundiais. O seu consultório é maravilhoso!



Eu, corado de vergonha do papo de alto nível, saí carregando meu filho e disfarçado de pedicure, porque eu estava de branco!

(Hoje o "in" é podólogo, pedicure é tão "out" quanto a palavra sífilografia!)

Vejam vocês, que hoje, além das preocupações de lapidação de nossos conhecimentos, visando bem servir a saúde daqueles que nos procuram, talvez tivéssemos também que nos preocupar quanto ao tipo de expectativa que nossos clientes têm em relação a nós, para finalmente nos indicarem a outros pacientes, constituindo assim a natural cadeia de formação da clientela.

Essa é Demais!

Inclusive ele tem uma coleção de vários tipos de "laser", que eu nem sei pra que servem (isto também pouco importava naquele momento!).

Aliás, um momento maravilhoso, quando a aula das crianças terminava, para ira das outras quatro mulheres que se olharam naquela breve despedida perfumada, jurando uma vingança a altura, para a próxima semana. Ela que aguardasse!

## DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba  
Diretor Adjunto: Sérgio Pereira da Cunha

### Conselho Cultural:

Dullio Crispim Farina (presidente);  
Carlos Alberto Salvatore  
Antônio Valdemar Tosi  
Marisa Campos M. Amato  
João Marques Teixeira  
Yvonne Capuano

### Cinematoteca:

Wilmer Botura Júnior

### Pinacoteca:

Aldir Mendes de Souza

### Museu da História da Medicina:

Jorge Michalany

### Coordenação Musical:

Dartiu Xavier da Silveira